

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA: QUE CIÊNCIA É ESSA? A PERCEPÇÃO DOCENTE¹

Daniele Barbosa de Souza Almeida²
Adeline Araújo Carneiro Farias³
Elber Ribeiro Gama⁴
Samuel Soares de Araújo⁵
Ygor Torres Rolemberg⁶
Iara Vanessa Mafra Bichara⁷

RESUMO

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF) têm finalidades científicas demarcadas desde a sua implementação. Dentre outras coisas, cabe aos IF constituir-se e qualificar-se como centro de excelência e referência na oferta e apoio ao ensino de ciências; desenvolver programas de divulgação científica e tecnológica; realizar e estimular a pesquisa aplicada e o desenvolvimento científico e tecnológico; bem como promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente. Embora as ações de pesquisa não sejam de responsabilidade exclusiva dos docentes, observa-se que no âmbito do Instituto Federal de Sergipe - *Campus Aracaju*, a maioria das ações relativas à produção e divulgação de ciência são desenvolvidas por professores. Assim, é objetivo desta comunicação analisar as percepções de docentes do IFS - *Campus Aracaju* sobre a relevância da produção científica e as concepções de divulgação científica para comunidade local. Tal estudo constitui-se como resultado parcial do projeto 111 ANOS DE HISTÓRIA DO IFS/CAMPUS ARACAJU: percepções dos protagonistas contemporâneos sobre o papel social da instituição, desenvolvido no *campus Aracaju* do Instituto Federal de Sergipe, através do Programa de Iniciação Científica/PIBIC - Ensino Médio, que foi aprovado no Edital Nº. 06/2020/PROPEX/IFS/CNPq. A pesquisa é de natureza qualitativa aportada nas técnicas da História Oral. Os dados analisados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas, realizadas pessoal ou virtualmente, conforme conveniência do entrevistado. Para análise dos dados empregamos a técnica da análise de conteúdo e, em particular, a análise categorial voltada às temáticas. Como resultado preliminar foi constatado que os docentes percebem a ciência como uma estratégia para despertar o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes, bem como apresentam as feiras de ciência e mostras tecnológicas como um importante instrumento de divulgação científica.

Palavras-chave: Ciência. Divulgação Científica. IFS. Percepções. Professores.

INTRODUÇÃO

¹ Financiado pelo Programa de Iniciação Científica/PIBIC - Ensino Médio, aprovado no Edital Nº. 06/2020/PROPEX/IFS/CNPq

² Doutoranda em Educação pela UNIT e Docente do Instituto Federal de Sergipe, almeida.daniele@gmail.com

³ Doutora e Docente do Instituto Federal de Sergipe, adeline.farias@ifs.edu.br

⁴ Mestre e Docente do Instituto Federal de Sergipe, elber.gama@ifs.edu.br

⁵ Estudante do Curso Médio Integrado em Informática, samuelsoaresdearaujoestudante@gmail.com

⁶ Estudante do Curso Médio Integrado em Química, ygortorres69@gmail.com

⁷ Orientadora, Mestre em Letras e Docente do Instituto Federal de Sergipe, iara.bichara@ifs.edu.br

A necessidade de entender como funciona a produção de conhecimento científico, se esse conhecimento é amplamente aplicado e se ele se efetiva em todas as camadas sociais é uma curiosidade internacional há algum tempo. Se viajarmos de volta ao século passado, especialmente nos Estados Unidos, em meados das décadas de sessenta e oitenta, perceberemos a preocupação desta nação em saber qual o nível de compreensão científica, ou seja, dos conhecimentos que são produzidos, armazenados, importados e exportados do seu território. Segundo Chagas e Massarani, (2021, p. 60) “no início, essas pesquisas eram principalmente uma tentativa de medir a alfabetização científica da população, por exemplo, avaliando se as pessoas conseguiam responder de forma correta alguma pergunta sobre um tema de ciência.”

A mesma necessidade não tarda a surgir nas nações latino-americanas, como a brasileira. Um indicativo desta tendência é que logo após as iniciativas norte-americanas, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) começa a desenvolver as mesmas estratégias em território nacional.

Ao longo das últimas décadas os resultados das pesquisas são semelhantes e podem ser avaliados como positivos e preocupantes ao mesmo tempo. Isso porque ao passo que a grande maioria dos entrevistados demonstra interesse pela ciência, numa porcentagem de aproximadamente 70% ao longo dos anos, também evidencia-se o pouco conhecimento da população acerca da ciência, métodos científicos e instituições produtoras.

A comunidade local entende que a necessidade de ampliar as fronteiras da ciência e a sua imersão em todas as camadas sociais é algo urgente. Defendemos nos nossos artigos que a criação da Rede Federal de Educação, em 2008, pode ser considerada como uma política pública de resolução desta dicotomia. Dentre outras, os antigos Centros Federais de Educação Tecnológica - CEFET e Escolas Técnicas passam a ter finalidades estreitamente relacionadas a produção e compartilhamento de ciência, como pode ser lido no estrato abaixo:

III - realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade; IV - desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos (BRASIL, 2008).

Desse modo, os IF, desde a sua criação até os dias atuais, buscam levar e garantir modalidades de ensino público, gratuito e de qualidade e quebrar as barreiras sociais e econômicas de acesso à ciência, apoiando-se no tripé da educação federal: ensino, pesquisa e extensão. Tal objetivo também é incorporado pelo Instituto Federal de Sergipe, IFS.

Dessarte, é a partir do projeto intitulado “111 ANOS DE HISTÓRIA DO IFS/CAMPUS ARACAJU: percepções dos protagonistas contemporâneos sobre o papel social da instituição”, desenvolvido no *Campus* Aracaju do Instituto Federal de Sergipe, financiado pelo Programa de Iniciação Científica/PIBIC - Ensino Médio, aprovado no Edital N°. 06/2020/PROPEX/IFS/CNPq, que buscamos entender as percepções e a relevância descrita pelos docentes quanto às atividades de cunho científico realizadas no *Campus* e direcionadas ao tecido social sergipano.

A pesquisa é de natureza qualitativa aportada nas técnicas da História Oral, que consiste em contar uma história baseada não em registros escritos, mas em percepções e memórias daqueles que fizeram/fazem parte da história. Portanto, nosso objetivo é ouvir as percepções e vivências dos docentes que fizeram ou fazem parte do cotidiano do campus, como descrito por Menegolo:

A história oral se configura como um procedimento de coleta utilizado frequentemente em pesquisas históricas de educação. Este recurso possibilita ao pesquisador recorrer, além de documentos escritos, aos documentos orais como elementos significativos no resgate de uma história. (MENEGOLO, 2006, p. 3).

A coleta de dados foi realizada através da captação das vivências dos docentes a partir de entrevistas semi-estruturadas, realizadas pessoal ou virtualmente, conforme a conveniência do entrevistado. Estas foram conduzidas por duplas de bolsistas (são dez no total) acompanhadas pela orientadora ou pela co-orientadora. Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento do entrevistado e depois transcritas para análise.

Para fins de análise de dados, utilizamos a técnica da análise de conteúdo, em particular, a análise categorial voltada às temáticas. Esse artigo remonta um recorte do projeto, na qual busca elevar a relevância descrita pelos docentes quanto à produção e divulgação da ciência produzida no *campus* e levada à sociedade aracajuana. O referencial teórico será guiado e descrito pelos conceitos de ciência, campo e agente de Bourdieu, bem como de divulgação científica de Chagas e Massarani.

Entende-se como campo, um universo intermediário entre a produção científica e o contexto social amplo, no qual estão imersos “os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem [...] a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (BOURDIEU, 1997, p. 20).

Por conseguinte, tal conceito bourdieusiano é de muita valia para a atual pesquisa, pois exemplifica o IFS/*Campus* Aracaju, já que este é um campo, com regras e regulamentos

próprios, mesmo que regido por diretrizes dos Ministérios da Educação e Ministério da Ciência, Tecnologia, bem como pelas necessidades da Grande Aracaju.

Sabe-se que diferentemente de outras instituições, o IFS/Campus Aracaju confere autonomia aos docentes dentro das barreiras institucionais e é justamente por perceber que os professores usam essa autonomia no seu fazer diário que valorizamos suas percepções. Partimos da hipótese de que se o docente tem uma visão positiva da ciência e da divulgação científica, eles fomentam tal atitude entre si, produzindo e divulgando ciência, e com os estudantes, possibilitando que eles vivenciem atividades do fazer científico ao longo da sua jornada acadêmica.

Outro conceito importante para nossa discussão é a visão de Bourdieu sobre a relação das estruturas objetivas, nas quais os agentes de um campo possuem um lugar de fala que ultrapassa os conceitos marxianos de classe operária. Para Bourdieu (1997), além do capital financeiro e de classe, há que se observar a posição que os agentes ocupam na estrutura, bem como o seu prestígio, pois a posição e a receptividade da comunidade sobre as suas ações orientará e impactará na popularização das suas tomadas de posição.

Alguns docentes gozam de maior prestígio entre colegas e estudantes e podem, conseqüentemente, apresentar um maior poder de influência, modificando simbolicamente a sua posição na estrutura hierárquica vigente. A sua popularidade, ou prestígio, garante um tipo de capital que influencia a sua participação em projetos de pesquisa e na propositura de eventos que priorizem a popularização da ciência produzida nos muros da instituição.

Chagas e Massarani nos auxiliam a pensar em modelos mais eficientes de divulgação científica. Para elas, “a comunicação pode ajudar a própria ciência, sensibilizando a sociedade e os tomadores de decisão sobre a sua importância social e para o desenvolvimento do país. Estreitar o diálogo pode, inclusive, ajudar na reivindicação de mais recursos financeiros para o setor” (CHAGAS, MASSARANI, 2020, p. 20). Logo, entendemos que o potencial científico da instituição só pode ser reconhecido socialmente se for compartilhado com a comunidade interna e principalmente com a comunidade externa. Além de produzir ciência, é preciso divulgá-la amplamente, para todos os públicos. Somente assim é possível penetrar todas as camadas sociais e contribuir para a criação de uma cultura científica no Brasil.

Difunde-se ciência através de meios específicos, como periódicos, revistas, bancos de dados e congressos. Porém, esse tipo de publicação tem alcance social restrito, pois só acessam esses meios pessoas com certo nível de escolarização e até mesmo econômico, uma vez que a

aquisição desse tipo de fonte de leitura e até mesmo a participação em muitos eventos envolve investimento financeiro. Tal comportamento pode justificar os dados da pesquisa de que a população em geral tem pouco acesso à ciência.

O acesso ao conhecimento é ampliado quando busca-se atingir além dos pesquisadores, os não-cientistas. Para isso é necessário utilizar linguagens de maior entendimento geral e meios de divulgação mais abrangentes e que, de preferência, circulem gratuitamente, ou com baixo custo. As possibilidades de engajamento nessas condições se ampliam significativamente.

Segundo Chagas e Massarani (2020, p. 13),

A divulgação científica pode ser praticada de distintas formas, por meio de distintos mecanismos e veículos [...]. O/a cientista, como indivíduo, pode fazer divulgação científica com diferentes inserções: desde dar entrevistas à mídia (por meio de diferentes meios de comunicação de massa) e palestras para as quais é convidado/a até ações em que assume um papel mais protagonista, organizando eventos de rua, escrevendo artigos na mídia ou participando de redes sociais.

Tentamos observar na fala dos professores entrevistados a menção de prática ou de valorização de atividades de divulgação científica, como um indicativo de que dentro do fazer científico do IFS/*Campus* Aracaju há também a etapa de divulgação e de popularização da ciência.

Conceitos e teorias brevemente explicados, segue-se uma seção com trechos e análises dos dados obtidos na entrevistas denominada **O que dizem os docentes do IFS/*Campus* Aracaju?** e a conclusão com uma síntese de como os docentes percebem seu fazer científico e com possíveis caminhos a serem seguidos para popularizar ainda mais o que se faz na instituição, intitulada **Algumas conclusões promissoras**.

O QUE DIZEM OS DOCENTES SOBRE A CIÊNCIA DO IFS/CAMPUS ARACAJU?

Antes de começarmos a coleta de dados, elencamos possíveis candidatos a partir da sua experiência e renome dentro da comunidade. Assim, estes foram convidados seguindo as diretrizes previstas no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido do Comitê de Ética em Pesquisa do IFS, ou seja, cada docente foi informado sobre o estudo no que tange seus objetivos e a sua relevância para a sociedade. Todos assinaram os termos de consentimento necessários para o uso de imagem e depoimento para o Projeto 111 anos de história do IFS/*Campus* Aracaju e para o Memorial do IFS, trabalho parceiro e correlato. Apesar disso, optou-se pela adoção de nomes fictícios no presente recorte visando preservar a privacidade dos entrevistados.

Ainda nesta etapa, os entrevistados receberam o roteiro completo da entrevista, também, puderam escolher entre dois formatos de entrevistas, pela intercalação entre perguntas

e respostas ou pelo discurso livre. Essas medidas foram adotadas para que os docentes pudessem compreender de forma clara os aspectos mais importantes a serem falados e discutidos e para deixar o convidado mais à vontade no compartilhamento de suas experiências e opiniões.

O roteiro supracitado era composto por um bloco de perguntas sobre o fazer científico da instituição, com os seguintes questionamentos: Em sua opinião, qual a contribuição dos atores sociais envolvidos na produção de conhecimento científico, enquanto Servidores técnicos, docentes, gestores e estudantes? Em sua opinião, qual a importância dos cursos integrados para a cidade de Aracaju, enquanto produtor Ciência? O que mais se destaca nos cursos integrados no que diz respeito à produção científica?

Nas análises para esse texto, buscou-se como temática falas que permitissem avaliar o desenvolvimento do campo científico do IFS/*Campus* Aracaju, mais especificamente, a visão dos docentes sobre os impactos do fazer científico da instituição para comunidade aracajuana, bem como suas contribuições nessa área que muitos vêm como desconectada do ensino.

Começamos com a fala de Percy, professor do curso técnico integrado em nível médio em química. Para ele, é papel do docente ampliar a visão de mundo dos estudantes:

O que é que o professor faz, qual a função do professor, tirar essa venda que tá nos olhos da gente, a gente nasce com uma venda, e essa venda aos poucos, ela vai sendo removida, e um dos responsáveis por essa remoção é o professor, além do pai, da mãe, da família, mas também o professor. Mas tem que ter a disponibilidade, tem que estar disponível pra isso, pra você permitir que o professor possa tirar essa venda do seu olhar, do teu olho, o professor tá predisposto, pode ter certeza se você puxar, sai, só você puxar pelo professor, ele vai com certeza, ele vai permitir que essas discussões e reflexões, elas se estabeleçam.

Embora na fala do professor não esteja presente a palavra ciência, optamos por iniciar com essa citação pois nota-se aqui que o docente reconhece o impacto da sua ação. Tal influência utilizada em prol da ciência transforma qualquer professor em um agente de muito poder. É claro que como em toda relação, na relação professor-aluno, o estudante precisa dar permissão para que o professor o leve nesta viagem, mas sem dúvidas, crer que pode ser um agente transformador molda a prática desse docente, pois motiva-o a fomentar atitudes de busca por conhecimento nos estudantes.

Ainda na fala do docente Percy, podemos notar a presença da palavra ciência. Como pode-se ler na citação a seguir, para este professor, que antes ensinar no IFS, foi professor da Universidade Federal, os estudantes do IFS se destacam justamente porque nesta instituição os discentes têm possibilidade de ver e fazer ciência, ainda no ensino médio:

Eu acho que quando vocês saem daqui, na conclusão do integrado, eu consegui visualizar na Universidade Federal, muitos quando saem daqui, optam por uma graduação na Universidade Federal, e lá, quando eu trabalhava na química, eu percebia que os alunos que saíam daqui que possuíam acesso à Universidade Federal, eles se destacavam, eles iam carregados de conhecimento adquiridos aqui, e aí mais uma vez, eu tenho que enaltecer as pessoas daqui, que são os responsáveis por isso. Então, eu acho que vocês aqui têm a possibilidade de ter contato direto muito ampliado com a ciência, pelo nível de qualificação técnica dos docentes e do trabalho.

Cabe destacar que este docente reconhece o capital intelectual de seus colegas e atribui a isso o sucesso no contato dos estudantes com a ciência. Ademais, através da fala do professor podemos inferir que estudantes de outras instituições não têm o mesmo contato com a ciência que os alunos do IFS, o que parece evidenciar êxito e excelência desta instituição em cumprir a sua finalidade de desenvolvimento científico. Desde o nível médio os estudantes do IFS são expostos a pesquisas de várias naturezas, o que diferencia essa instituição.

A professora Annabeth, que também foi aluna do IFS, reforça a atenção que o *Campus* dá a ciência no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos:

o lado científico no IFS. para mim, é muito marcante. Desde que eu entrei na minha primeira aula com o professor Marcos Conceição, que ainda dá aula hoje [...] Na minha primeira aula com a professora Ruth (que hoje ela é reitora né?), mas ela foi minha professora. Ruth e com o professor Antônio Wilson, esses três marcaram na parte científica, pelo modo como falavam e apresentavam a química. Aquilo ali já era científico, só que eles trouxeram no formato de que era possível fazer aqui dentro dessa escola e eu fiz nesses laboratórios que hoje estão aqui, nesse mesmo pavilhão, usei esses Laboratórios na mesma época.

Percebe-se na fala desta docente o impacto que o modo como três de seus docentes tiveram na sua vida. Se considerarmos que hoje ela é docente de química e trabalha no IFS, podemos inferir que ela se inspirou e se inspira neles na sua prática docente. Provavelmente ela tenta despertar em seus alunos o mesmo amor que seus professores despertaram nela e isso nos põe a refletir sobre quantas alunas e ex-alunas que como ela levaram esse conhecimento para suas vidas pessoais e profissionais, reforçando que o IFS/*Campus* Aracaju é um lugar onde se produz ciência diariamente, na sala de aula ou nos laboratórios que ainda existem e continuam a ser utilizados por outros estudantes que podem estar sendo despertados para carreiras em que as competências e habilidades do método científico são essenciais.

Os docentes do campus também acreditam que a ciência que produzem contribui na resolução de problemas ou causas sociais da comunidade onde estão inseridos:

A partir do momento que os nossos alunos produzem conhecimento, esse conhecimento, ele pode ser utilizado para uma melhoria da qualidade de vida da nossa comunidade, para solução de nossos problemas, para o entendimento do porquê dos nossos problemas. Eu acho que a produção científica, ela, no geral, tem esse poder, que se for usado corretamente, pode trazer soluções, trazer entendimentos dos problemas que a sociedade vive (Luke).

Infere-se, portanto, que a necessidade de produção de saberes científicos vai muito além da busca por conhecimentos novos, mas adentra-se na necessidade de compreender e solucionar problemas que são vigentes e pertinentes naquela sociedade na qual a produção está sendo feita. Assim, o IFS/*Campus* Aracaju cria um microcosmo ao seu entorno que é capaz de se desenvolver socialmente e tecnologicamente, devido às produções e levantamentos científicos que são realizados dentro de suas barreiras físicas.

Outra característica que contribui para o desenvolvimento científico no IFS/*Campus* Aracaju é a sua estrutura, que apresenta recursos que viabilizam diversas práticas promotoras do saber científico, em especial as destinadas a alunos do ensino médio, já que estas são raríssimas em outras instituições, como é levantado por Luke:

Veja, a partir do momento em que o curso de edificações, ele oferta, para os alunos, a possibilidade de fazer projetos de pesquisa, como PIBIC Ensino Médio, participar de eventos científicos como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, eu acho que desempenha um papel importantíssimo que é você identificar dentro daquela massa de alunos, aqueles que têm essa predileção a serem acadêmicos, pesquisadores e gostarem de fazer pesquisa.

Na fala desta docente temos referência não só de produção científica, como também de divulgação científica, na medida em que se menciona a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, uma ação do Governo Federal de popularização da ciência. Nesses eventos, mesmo os estudantes que não estão diretamente vinculados a um projeto de pesquisa têm acesso às pesquisas desenvolvidas por seus professores e colegas. Esse tipo de ação contribui para popularizar a ciência internamente e externamente também, pois esses eventos são abertos à comunidade externa também.

Além desta fala, destacamos a percepção de Percy, de que o conhecimento produzido institucionalmente precisa romper os muros da instituição:

O que eu quero dizer é que extensão, a gente tem, apesar de não ter a vocação, a Universidade é que faz isso com muito mais competência porque eles já têm, já faz parte do cotidiano deles, a gente usa esse muros aqui em torno dessa instituição e é como se fosse uma ilha, isso aqui é uma ilha, a gente tá inserido numa comunidade que a gente sequer conhece, aqui mesmo, pertinho, tem um quilombo tradicionalíssimo, eu acho que é o único quilombo, é quilombola no caso, comunidade quilombola urbana do país, aqui na Caixa D'Água.

Percebemos na fala dessa docente a preocupação para que o IFS se envolva mais com a sua comunidade e que também divulgue as suas pesquisas, retirando assim a instituição desta situação de ilha. Mesmo que essa fala indique que a baixa regularidade nesse tipo de ação, o alerta da professora pode ser utilizado como um argumento motivador para a instituição e até mesmo para que outros colegas se interessem por estreitar os laços campus-comunidade o que contribuirá não só para a divulgação de resultados de pesquisa, como também, e talvez,

principalmente, para o surgimento de novos objetos de pesquisa que contribuam diretamente para o desenvolvimento e todos, IFS e comunidade.

Tal preocupação é reforçada novamente por Percy. Porém, aqui, podemos destacar a sua percepção do potencial que o IFS/*Campus* Aracaju tem para realizar mais ações de extensão devido a sua mão de obra técnica altamente qualificada; ao processo de aprendizagem baseado no conhecimento científico; e no emprego de técnicas do mercado de trabalho, as quais são essenciais para atender as carências da Grande Aracaju.

já que a gente é uma instituição que não é comparável com as escolas do estado, a gente é uma instituição técnica, mas que também dá essa formação geral, então, porque não aproveitar esse potencial técnico pra fazer uma trabalho lá fora, não se faz, é muito incipiente, é uma ação ou outra isolada que a gente ver aqui, acho que isso faz falta, agora pra isso é claro faz necessário ter as condições necessárias, não adianta colocar o professor com 24 horas, 18 ou 20, fica muito difícil trabalhar com extensão.

Ele ainda extrapola para um desejo de estreitar as relações com a comunidade, quando ele aponta para beleza da passagem de conhecimento de docente para aluno e de aluno para a comunidade, onde os impactos dos investimentos em educação e ciência podem ser visto com clareza por toda população:

Seria lindo esse meninos, lá fora, interagindo com a comunidade, eu citei o exemplo de Campo do Brito, mas não precisa ir longe não, aqui mesmo no nosso entorno, nesses bairros mais periféricos, catadores de sururu, nós temos o mangue em torno da cidade, os pescadores, comunidades, não sei se tem casa de farinha no entorno, mas tem aquelas que fazem as queijadinhas, aqui na região de São Cristóvão, região metropolitana, você tem o povo da mangaba que é aqui do lado, você passa a ponte aqui do Vaza Barris, e você já vai encontrar essas senhoras que são as catadoras de mangaba.

Dentro desse contexto, o principal impeditivo para que os docentes junto com os alunos tenham mais iniciativas de impacto direto na comunidade local é a falta de tempo, já que essas medidas não são contadas dentro do planejamento dos cursos, cabendo aos professores fazerem adaptações para cada contexto.

Entendemos que embora haja leis e incentivos para produção científica dentro dos IF e docentes realmente interessados em investir em inovação, pesquisa ou extensão, a sobrecarga de aliar a atividade docente à atividade de pesquisador e divulgador científico parece ser um entrave a ser superado. As ações isoladas mencionadas parecem ser, na maioria das vezes, um esforço pessoal dos professores que entendem a importância desse tipo de prática e que muitas vezes o fazem como um esforço pessoal, sem muita sistematização institucional para além da já mencionada SNCT.

Aqui retomamos o que diz Bourdieu (2004) e destacado na fala de Luke, de que para a mudança desse tipo de cenário, é necessário uma conversão coletiva que envolva todos os agentes da instituição.

Eu acho que a importância do envolvimento de todo mundo é crucial, porque sem o envolvimento dos professores, dos técnicos, dos gestores em conseguir as bolsas, a gente não conseguiria fazer pesquisa.

Pode-se ver na fala de Annabeth, que o mundo ideal é, na verdade, a conjunção de uma série de fatores. A docente destaca os problemas atuais de corte de verba e reconhece que isso pode acarretar uma pausa na produção científica do *campus*, afinal, como exposto nos mais variados documentos institucionais, diante do tripé ensino, pesquisa e extensão, a prioridade é o ensino, esse não pode parar nunca num instituto de educação. Porém, o mais importante na sua fala, e que remete a primeira citação destacada neste artigo, é que o IFS/*Campus* Aracaju tem o que há de mais precioso num processo de ampliação de visões de mundo, que é a dedicação dos estudantes aliada a vontade dos servidores de trabalhar em conjunto:

Eu acho que a parte que está relacionada à pesquisa científica, a gente pode não fazer sempre. Não ter verbas agora, andando desde antes de ontem, né?, com contingenciamento de verbas desses recursos em geral. Mas a capacidade que nós temos na junção curiosidade e vontade, dedicação dos estudantes em relação a parte científica e a força de vontade de nós servidores em trabalharmos juntos, com isso, então, quando a gente se une isso aí, para mim, é um marco fantástico.

Fica implícito na fala dos docentes entrevistados que a extensão é uma oportunidade ímpar de divulgação das pesquisas que se realizam no IFS/*Campus* Aracaju. Para eles, são nessas oportunidades que se efetiva a passagem direta de conhecimento para as comunidades que mais necessitam dele, promovendo o emprego de conhecimentos adquiridos pelos estudantes dentro do *Campus* para fora dos muros que isolam a instituição, como dito por Percy, gerando desenvolvimento econômico e social da região. Um exemplo dessa visão pode ser lido no trecho a seguir:

Eu posso citar um exemplo, professora Ana Mercedes, que está aposentada, eu tava com o projeto dela de dissertação do mestrado. Foi farinha de mandioca, o aproveitamento do resíduo gerado da produção da farinha de mandioca. Não sei se vocês já foram em uma casa de farinha. No momento da prensa, rala a mandioca, e escorre um líquido esbranquiçado, a gente chama de "manipueira". Esse líquido esbranquiçado, ele tem um cheiro muito forte e é rico em ácido cianídrico, que é tóxico quando jogado no meio ambiente [...]. A gente tem uma equipe técnica maravilhosa aqui. O que custaria reunir uma equipe até multidisciplinar e acompanhar aquela comunidade instalada - como é o nome do povoado, Meu Deus- "Mangabeira"? Chama alguma coisa assim, em Campo do Brito, e dizer pra eles: olha evite descartar essa "manipueira" no ambiente. Vocês estão contaminando, não nasce capim na terra, ela fica tão intoxicada que não nasce sequer capim. Se algum animal se alimenta daquele "manipueira", certamente vai ter problemas e pode vir a óbito. Ou seja, nós seres humanos somos animais.

A ampliação de trocas como essas têm a possibilidade de mudar a visão da sociedade sergipana sobre a importância dos investimentos em instituições que desenvolvem o conhecimento científico, como IFS/*Campus* Aracaju. Coaduna-nos com Chagas e Massarani (2021, p. 13) de que, talvez, conhecendo mais de perto o que se produz no IFS/*Campus* Aracaju, a sociedade apoiaria mais a solicitação de mais recursos para instituições produtoras de ciência, pois “mesmo neste momento de crise econômica, política e de confiança nas instituições, a esmagadora maioria dos jovens afirma que o investimento brasileiro em C&T deveria ser aumentado ou mantido, não diminuído.”

Notamos que há pouca menção de outras formas de divulgação científica que não sejam a promoção de atividades de extensão e o contato direto com a comunidade local. Sabemos que há outras formas de divulgar o conhecimento científico do IFS, como por exemplo o uso de mídias e a inserção de resultados em mídias massivas como rádio e TV. Apesar disso, consideramos positiva a preocupação dos docentes em melhorar a comunicação com a sociedade. E é com este sentimento que vemos muito mais possibilidades que entraves.

ALGUMAS CONCLUSÕES PROMISSORAS

Após a exposição e análise das falas, conclui-se que os docentes entrevistados do IFS/*Campus* Aracaju acreditam no poder da ciência em desenvolver a sociedade. Percebe-se também que esses professores atuam como motivadores da produção e disseminação científica, dentro das suas possibilidades, inclusive enxergando falhas quanto ao alcance de suas ações, como por exemplo a menção de poucos contatos com a comunidade local.

Avaliamos como positiva a percepção dos docentes de que a instituição precisa sair mais dos seus muros, pois vimos desejo nos olhos de todos os entrevistados em fazer mais. Essa motivação é essencial quando do cruzamento com condições mais favoráveis de distribuição de recursos e carga horária docente.

Apesar disso, é possível afirmar que existe muito fomento à produção científica no *campus*, facilitada pelo desejo dos professores em serem agentes mobilizadores, engajamento dos estudantes e estrutura governamental que proporciona a realização de pesquisas e eventos científicos, ainda que não ideal no momento.

Assim, depreende-se que os docentes do *campus* fazem uso do seu capital político e social para apoiar diversas áreas de conhecimento; utilizam seus saberes a fim de mitigar

males relacionados a temáticas vigentes na sociedade e solucionar problemas sociais que muito ou pouco instigam a sociedade.

Dado o anseio pelo aperfeiçoamento da extensão feita pelo *Campus*, para que as comunidades que necessitam de conhecimentos desenvolvidos na instituição sejam plenamente atendidas, acreditamos que temos muito mais possibilidades que dificuldades a serem vencidas. Talvez a promoção de cursos de divulgação científica nas jornadas pedagógicas contribuísse para criação de outras possibilidades, que não apenas a extensão. Por esta razão, julgamos que o perfil demonstrado pelos entrevistados possibilitará, em breve, melhorias capazes de levar conhecimento científico a todos de formas mais variadas. Com isso, conclui-se, portanto, que os docentes do IFS/Campus Aracaju, contribuem grandemente com boas práticas de fazer científico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 dez. 2008a, Seção 1, p. 1.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

CHAGAS, Catarina; MASSARANI, Luisa. **Manual de sobrevivência para divulgar ciência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiovrüz, 2020.

MENEGOLO, Elizabeth D.; CARDOSO, Cancionila J.; MENEGOLO, Leandro Wallace. **O uso da história oral como instrumento de pesquisa sobre o ensino da produção textual**: an instrument of search in the ransom of a history. Ciênc. cogn., Rio de Janeiro, v. 9, p. 02-13, nov. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000300002&lng=pt&nrm=iso Acesso em 28 jul. 2022.